

CADERNO DO PROFESSOR

O SEGREDO DO IMPÉRIO DO MALI

Ouro, caravanas, memória e conhecimento na África medieval

Guia histórico e didático ampliado · 7º ano · 4 aulas de 50 minutos

Articulado aos 26 slides • fontes comentadas • roteiro minuto a minuto • critérios de avaliação

Questão norteadora

Como reconstruímos a história do Mali medieval a partir de fontes produzidas em épocas, lugares e perspectivas diferentes?

Uma sequência de investigação, não um catálogo de curiosidades

Leia este guia antes da primeira aula e mantenha-o como apoio durante a projeção.

Propósito histórico

Estudar o Mali como sociedade política complexa da África Ocidental, articulada por relações de poder, produção agrícola, circulação de mercadorias, tradições orais, práticas religiosas e contatos inter-regionais. A riqueza aurífera é importante, mas não esgota a história do império.

Aprendizagens esperadas

Ao final, os alunos devem localizar o Mali no Sahel e no vale do Níger; distinguir Mali medieval do Estado atual; interpretar o Atlas Catalão como documento europeu; explicar o funcionamento plural das redes comerciais; comparar tradições orais e textos escritos; situar Mansa Musa e Tombuctu em tempos diferentes; e produzir uma interpretação apoiada em evidências.

Organização dos materiais

Apresentação: 26 slides, com questões e cenas ilustrativas. Caderno do aluno: fichas correspondentes às quatro aulas, documentos para consulta, atividades e painel final. Este guia: contexto historiográfico, mediação, referências, respostas possíveis e avaliação. Imprima as fichas 1–4 e reserve folhas maiores para o painel.

Atenção ao estatuto das imagens: as cenas em aquarela são reconstituições didáticas contemporâneas, não fotografias do Mali medieval nem imagens de época. A figura de Mansa Musa no Atlas Catalão é uma fonte do século XIV, mas não um retrato tirado do natural.

Avaliação ao longo das aulas

Observe se o estudante passa de “a fonte mostra que aconteceu exatamente assim” para “a fonte sugere, segundo determinado autor, em certo contexto”. Valorize explicações corretas e justificadas, e não a simples memorização de datas, cifras ou títulos.

Roteiro de quatro aulas

As páginas seguintes aprofundam cada núcleo conceitual e apresentam a mediação passo a passo.

01

Uma imagem atravessa séculos

Atlas Catalão; espaço geográfico; Saara, Sahel e Níger; limites da representação.

Slides 2–8

02

O poder por trás do ouro

Sunjata, jeliw, governança, caravanas, peregrinação e relatos indiretos.

Slides 9–16

03

Cidades, livros e testemunhos

Tombuctu em diferentes séculos; manuscritos; Ibn Battuta; laboratório de fontes.

Slides 17–21

04

Exposição: como sabemos?

Painéis de evidências, discussão pública, avaliação e síntese.

Slides 22–25

Preparação mínima

Projetor, mapa atual da África para localização aproximada, acesso prévio ao fac-símile da BnF (ou imagem impressa), fichas dos alunos e material para painéis. Não dependa de internet durante a aula: salve ou imprima as fontes selecionadas antecipadamente.

Saara, Sahel e rio Níger: uma geografia de relações



Onde estava o Mali?

O Império do Mali constituiu-se na África Ocidental, associado a regiões das savanas e do alto e médio vale do Níger. Sua extensão e as formas de controle variaram; fronteiras rígidas e contínuas em mapas escolares não devem ser lidas como divisões modernas.

Três espaços interligados

Saara: extensa zona desértica atravessada por corredores de comércio que dependiam de oásis, guias, animais e conhecimento ambiental. Sahel: faixa ecológica variável, de transição, povoada e produtiva, não apenas “borda do deserto”. Vale do Níger: áreas de cultivo, pesca, circulação fluvial e encontros urbanos. O desenho do slide 6 é esquemático, não cartográfico.

Por que as rotas importam?

As caravanas não nasceram com Mansa Musa. Redes antigas conectaram o Magrebe e regiões sudanesas, com mudanças de trajetos e centros de comércio ao longo do tempo. Não eram vias apenas de ouro e sal: circulavam bens, especialistas, notícias, religiões e pessoas, incluindo escravizados.

Pergunte à turma: “Se o deserto fosse só uma barreira, como explicar as caravanas? Que saberes e trabalhos permitiam atravessá-lo?” A resposta deve citar água, itinerários, negociação, transporte e segurança.

Sunjata, poder político e memória oral

O que podemos afirmar

A formação do Mali costuma ser situada no século XIII, no contexto de disputas e recomposições entre sociedades mandingas. Sunjata (Sundiata Keita) é figura decisiva das tradições que narram essa formação. Não disponhamos de uma biografia contemporânea que confirme literalmente todos os episódios do épico.



Jeliw: transmissores e intérpretes

Em tradições mandingas, jeliw (singular jeli) podem atuar como especialistas da palavra, da música, das genealogias e de memórias sociais. A narrativa de Sunjata tem versões situadas, performadas em momentos distintos. Ser transmitida oralmente não torna uma fonte inferior; torna indispensável conhecer seus intérpretes, públicos, contextos e transformações.

Como funcionava a autoridade?

Mansa designa o governante, mas o poder não se resume à pessoa no trono. Alianças dinásticas, chefias locais, comunidades produtivas, circulação de tributos, conflitos militares e negociação compunham formas mutáveis de autoridade. O império não deve ser imaginado como Estado-nação com administração uniforme.

Relações com o Islã

Práticas islâmicas eram relevantes para cortes, circuitos mercantis e estudiosos, em convivência com outras tradições religiosas e sociais. Evite projetar a identidade religiosa do soberano sobre todos os habitantes ou pressupor homogeneidade cultural.

Mediação sugerida (slides 9–11): peça uma narrativa curta transmitida na família ou na comunidade; discuta por que duas pessoas contam episódios de modo diferente. Não conclua que uma versão é automaticamente falsa: pergunte quem narra, para quê e com quais lembranças.

Ouro, sal, agricultura e trabalho: a economia além do tesouro



O ouro não se movia sozinho

Áreas produtoras de ouro no oeste africano se articulavam a intermediários e centros consumidores de longa distância. É preciso distinguir o controle de corredores e tributos do controle direto de todas as minas. A riqueza dos governantes dependia de relações políticas e comerciais, não apenas da existência física do metal.

Produtos e formas de trabalho

Sal era mercadoria importante para consumo e conservação, mas seu valor dependia de contextos locais. Também circulavam tecidos, grãos, animais, cobre, livros e outros produtos. Agricultura, criação de animais, pesca, artesanato, mineração, navegação e transporte sustentavam cidades e comércio. Pessoas escravizadas também integraram algumas redes, fato que exige abordagem histórica sem naturalização.

O risco da fórmula “ouro por sal”

Uma explicação resumida como troca direta e exclusiva entre dois produtos torna invisíveis as diferenças de tempo, lugar, preço, transportadores e mediadores. Mostre uma cadeia de agentes: produtor → intermediário → guia → comerciante → mercado → consumidor. Pergunte quem assume custos e riscos.

Para explorar o slide 12: distribua papéis de agricultores, guias, comerciantes, artesãos e autoridades. Cada grupo aponta o que produz, oferece ou negocia e o que precisa dos demais. Não reduza as relações a uma “economia do ouro”.

Mansa Musa e o mundo mediterrâneo

A viagem de 1324–1325

Mansa Musa realizou peregrinação a Meca, passando pelo Egito. Sua passagem por Cairo e o luxo atribuído à comitiva circularam em relatos posteriores. Os números frequentemente repetidos sobre o tamanho da caravana e o volume de ouro variam segundo a tradição textual e não devem ser tratados como contagem comprovada.

O que al-Umari nos permite conhecer?

Shihab al-Din al-Umari (século XIV) escreveu a partir de informações e testemunhos recolhidos, inclusive sobre o impacto da peregrinação. Ele não deve ser apresentado como observador presencial da corte do Mali. A distância entre acontecimento, informante e compilador é parte do documento.

Por que o Atlas Catalão é valioso?

Produzido em ambiente cartográfico maiorquino em 1375, representa Mansa Musa segundo códigos visuais europeus de majestade e riqueza. Demonstra a circulação de notícias sobre a África Ocidental no Mediterrâneo, mas não documenta literalmente vestimentas, feições ou cerimônias da corte de Musa. “Como os europeus o representaram?” é pergunta mais precisa que “Como ele era?”.

Fonte e checagem: BnF, Atlas catalan (1375), ms. Espagnol 30, https://www.bnf.fr/fr/mediatheque/atlas-catalan-1375 ; Metropolitan Museum, Visualizing a Sahelian Past, https://www.metmuseum.org/pt/perspectives/visualizing-a-sahelian-past

Uma ressalva sobre a “queda do preço do ouro”

Fontes medievais associam as liberalidades de Musa a efeitos sobre o ouro no Egito. Não apresente cifras precisas, durações fixas ou conclusões econômicas modernas como se fossem fatos medidos. Aproveite a oportunidade para distinguir indício, narrativa e inferência.

Resposta-modelo para o aluno: “O Atlas revela que cartógrafos mediterrâneos de 1375 associavam Musa ao ouro e ao poder; não prova como ele se vestia nem a quantidade exata de ouro que possuía.”

Tombuctu, manuscritos e o problema do tempo

Uma cidade, várias épocas

Tombuctu participou de redes mercantis, intelectuais e religiosas, mas seu auge como centro de estudos e circulação de manuscritos é especialmente associado aos séculos XV e XVI, quando outros poderes, incluindo Songhai, influenciaram a região. Não atribua a Mansa Musa toda a história posterior da cidade.



O que guardam os acervos?

Manuscritos do Mali e de Tombuctu incluem textos de tradição islâmica, estudos jurídicos, astronomia, matemática, língua, poesia, história e práticas eruditas, em diferentes épocas. Os acervos foram constituídos e preservados por bibliotecas e famílias; sua existência combate a ideia equivocada de uma África sem escrita, sem eliminar a importância simultânea das tradições orais.

Como usar uma imagem de manuscrito

Peça primeiro descrição material: folhas, escrita, colunas, tinta, marcas de uso. Depois investigue o que o catálogo informa sobre a data, o tema e a proveniência. Uma fotografia atual do manuscrito é registro de um objeto antigo, não automaticamente fotografia de uma “aula medieval”.

Fonte e checagem: Library of Congress, Islamic Manuscripts from Mali, https://www.loc.gov/collections/islamic-manuscripts-from-mali/about-this-collection/ ; UNESCO, Timbuktu, https://whc.unesco.org/en/list/119/ ; Universidade de Hamburgo, Manuscripts, https://www.csmc.uni-hamburg.de/timbuktu/manuscripts.html

Discussão (slide 19): ordene no quadro: formação do Mali (séc. XIII), peregrinação (1324–25), Ibn Battuta (1352–53), Atlas (1375), florescimento intelectual mais intenso (sécs. XV–XVI). Evidencie a diferença de 100–200 anos entre processos.

Ibn Battuta: uma fonte com olhar próprio

Quem foi e quando escreveu?

O viajante marroquino Ibn Battuta esteve na região do Mali em 1352–1353, durante o reinado de Mansa Sulayman, e não no de Mansa Musa. Suas observações foram mais tarde registradas na obra de viagem conhecida como Rihla, organizada com participação de Ibn Juzayy. O texto combina experiências, memórias e juízos de valor.

O que ele descreve?

O relato traz informações sobre práticas de corte, segurança, justiça, religiosidade e costumes. O viajante por vezes elogia a segurança e critica usos sociais que lhe pareciam estranhos. Esses juízos revelam tanto aspectos que ele observou quanto suas expectativas culturais. É mais produtivo investigar “o que o autor aprovou ou reprovou?” do que assumir o texto como uma janela transparente.

Duas perguntas essenciais

1. Qual informação é atribuída à experiência direta do viajante? 2. Onde aparece avaliação, comparação ou interpretação pessoal? Distinguir essas operações desenvolve leitura histórica e argumentação.

Fonte e checagem: OpenStax, World History, vol. 1, seção 15.2, reúne trechos traduzidos de al-Umari e Ibn Battuta: https://openstax.org/books/world-history-volume-1/pages/15-2-medieval-sub-saharan-africa . Para estudo aprofundado: Levtzion e Hopkins (org.), Corpus of Early Arabic Sources for West African History.

Não confundir: al-Umari escreve predominantemente por informações obtidas de outros; Ibn Battuta visitou o Mali. Ambos exigem crítica de autoria, gênero, circulação e edição do texto.

Proteção de patrimônio e conflitos contemporâneos

A conservação dos manuscritos possui história própria, inclusive ações de salvamento e digitalização no século XXI. É tema possível de extensão, mas não deve substituir o estudo do Mali medieval. O acervo digital da Library of Congress e iniciativas da UNESCO fornecem pontos de partida seguros.

O mapa fala — e também silencia

AULA 1 · Slides 2–8 · Ficha do aluno 1

0–8 min | Abertura

Projete o slide 2 antes de oferecer explicações. Solicite três elementos observáveis e uma hipótese; registre no quadro sem validar antecipadamente.

8–20 min | Atlas em contexto

Exiba a lâmina histórica do slide 3. Localize autoria provável, produção maiorquina e data 1375. Explique que Musa viveu antes da elaboração do documento. Diferencie rei representado e convenções iconográficas.

20–35 min | Geografia histórica

Trabalhe slides 5–7: Saara, Sahel, vale do Níger, redes de circulação. Peça aos alunos que expliquem como o conhecimento ambiental era indispensável ao comércio.

35–50 min | Registro e devolutiva

Aplicar a ficha 1: quadro “observo / infiro / não posso afirmar”. Retome hipóteses da abertura e corrija a tendência de tomar a representação como retrato fiel.

Evidências esperadas: aluno identifica data e origem do Atlas e diz ao menos uma informação que o documento não comprova. Intervenção: se afirmarem “o Mali era todo deserto”, retome a pluralidade de ambientes.

Quem sustentava o poder?

AULA 2 · Slides 9–16 · Ficha do aluno 2

0–10 min | Voz e memória

Slides 9–10: apresente Sunjata e jeliw. Indague o que é uma tradição narrativa e como versões mudam. Não peça que a turma “prove” o épico como reportagem.

10–23 min | Autoridade e trabalho

Slide 11–12: diferencie governante, chefias locais, produtores, comerciantes e mediadores. Peça uma cadeia de circulação com cinco agentes.

23–36 min | Peregrinação

Slides 13–15: situe a viagem de 1324–25, suas conexões com Cairo e Meca e a circulação de relatos. Evite cifras sensacionalistas não verificáveis.

36–50 min | Comparação

Slide 16 e ficha 2: comparar Atlas e relato indireto de al-Umari em autoria, proximidade e tipo de informação. Socializar uma afirmação segura e uma dúvida.

Evidências esperadas: entender que a riqueza envolve trabalho e relações políticas; distinguir imagem cartográfica de notícia relatada. Intervenção: perguntar “quem produziu e transportou o ouro?”.

Livros, viajantes e séculos

AULA 3 · Slides 17–21 · Ficha do aluno 3

0–12 min | Leitura de imagem

Apresente Tombuctu e a ilustração dos copistas, advertindo que é reconstituição. Questione que evidências materiais seriam necessárias para conhecer práticas de escrita.

12–23 min | Cronologia

Apoie-se no slide 19. Organize marcos dos séculos XIII–XVI; destaque que a fase intelectual de maior florescimento é posterior a Musa.

23–36 min | Ibn Battuta

Leia um excerto adaptado e assinalado como paráfrase. Peça que os alunos separem descrição e julgamento do autor.

36–50 min | Laboratório

Quatro grupos analisam Atlas, texto transmitido por informantes, relato de viagem e objeto manuscrito; preencher ficha 3 e compartilhar limites.

Evidências esperadas: identificar autor e época; não confundir Ibn Battuta com Mansa Musa; reconhecer que manuscritos pertencem a vários séculos.

Uma exposição que presta contas às fontes

AULA 4 · Slides 22–25 · Ficha do aluno 4

0–7 min | Problema e critérios

Relembre a pergunta motriz e mostre os critérios do slide 24: identificação, evidência, limite.

7–28 min | Construção

Em grupos de 3–4, eleger duas fontes de tipos diferentes. Construir painel com título, pergunta, legenda das fontes, interpretação e uma questão ao público.

28–42 min | Galeria

Grupos circulam e fazem devolutivas: uma afirmação sustentada e uma pergunta crítica a cada painel.

42–50 min | Síntese individual

Cada estudante responde: “O que hoje sei sobre o Mali? Qual fonte apoia isso? O que ainda não posso afirmar?”

Avaliação: identificação contextual correta, comparação de duas fontes, explicação historicamente plausível, distinção entre fato e conjectura e participação.

O que observar, como intervir e como avaliar

Critério 1 · Contextualização

Identifica autoria/origem e tempo das fontes; sabe que o Atlas é europeu e posterior à peregrinação.

Critério 2 · Qualidade da inferência

Separa descrição, interpretação e dúvida; evita usar a imagem como retrato fiel.

Critério 3 · Complexidade histórica

Relaciona poder e comércio aos agentes do trabalho e considera diferenças de tempo em Tombuctu.

Critério 4 · Comunicação

Produz legenda, texto claro e pergunta ao visitante; articula duas fontes com funções diferentes.

Devolutivas formativas prontas

“Você identificou a fonte; falta explicar quando foi produzida.” / “A conclusão é interessante: qual detalhe do documento a sustenta?” / “Essa ideia se refere a qual século?” / “Onde o leitor consegue distinguir o que sabemos do que supomos?”

Inclusão sem simplificar o problema histórico

Ofereça leitura compartilhada de excertos, etiquetas de fontes com ícones, versões ampliadas, tempo adicional e respostas orais quando necessário. O objetivo permanece: contextualizar e comparar evidências. Para um aluno com dificuldade de escrita, permita organizar cartões “autor / data / o que diz / limite” antes de redigir.

Respostas possíveis às atividades

O gabarito é interpretativo: respostas bem fundamentadas podem seguir caminhos diferentes.

Ficha 1 — Atlas e espaço

Observável: pessoa coroada, objeto dourado, sinais e inscrições cartográficas. Inferência: circulação de notícias sobre Musa entre cartógrafos mediterrâneos. Limite: a obra não comprova roupa real, quantidade de ouro ou fronteiras exatas. Sahel e Níger são áreas de relações sociais e produtivas.

Ficha 2 — Poder e comércio

Governança envolve alianças e tributos, e não só reservas de ouro. O comércio precisa de produtores, guias, caravaneiros, negociantes e consumidores. al-Umari registra informação indireta; o Atlas é representação visual produzida décadas depois da peregrinação.

Ficha 3 — Tempo e testemunho

Ordem: século XIII → 1324–25 → 1352–53 → 1375 → séculos XV–XVI. Ibn Battuta visitou durante o reinado de Sulayman. Comentários valorativos do viajante refletem também seu horizonte cultural. Manuscritos não pertencem todos a uma só época.

Ficha 4 — Exposição

Uma interpretação suficiente conecta documento 1 e documento 2; identifica época e proveniência; afirma uma conclusão específica (“o Mali integrava redes amplas”) e registra uma limitação (“não sabemos todos os percursos exatos”).

Alerta editorial: as paráfrases didáticas presentes no caderno do aluno são resumos elaborados a partir de obras identificadas. Não as apresente como citação literal traduzida diretamente do manuscrito.

Bibliografia e acervos para aprofundamento

Referências de trabalho para preparar as aulas; não se exige que os alunos leiam essas obras.

Fontes e edição

LEVTZION, Nehemia; HOPKINS, J. F. P. (org.). Corpus of Early Arabic Sources for West African History. Cambridge: Cambridge University Press, 1981 (reed. Markus Wiener, 2000).

História geral

NIANE, Djibril T. (org.). General History of Africa, IV: Africa from the Twelfth to the Sixteenth Century. UNESCO/University of California Press, 1984. Capítulos sobre Mali e Sudão ocidental.

Historiografia recente

GOMEZ, Michael A. African Dominion: A New History of Empire in Early and Medieval West Africa. Princeton University Press, 2018.

Tradições orais

NIANE, Djibril Tamsir. Sundiata: An Epic of Old Mali. Longman, 1965. Trata-se de registro/versão literária de tradição oral, não de transcrição de um arquivo do século XIII.

Cartografia

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. Atlas Catalan (1375), Espagnol 30. https://www.bnf.fr/fr/mediatheque/atlas-catalan-1375

Leitura crítica do mapa

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. Visualizing a Sahelian Past.
https://www.metmuseum.org/pt/perspectives/visualizing-a-sahelian-past

Acervo de manuscritos

LIBRARY OF CONGRESS. Islamic Manuscripts from Mali.
https://www.loc.gov/collections/islamic-manuscripts-from-mali/about-this-collection/

Patrimônio

UNESCO WORLD HERITAGE CENTRE. Timbuktu. https://whc.unesco.org/en/list/119/

Textos primários acessíveis

OPENSTAX. World History, Volume 1, 15.2.
https://openstax.org/books/world-history-volume-1/pages/15-2-medieval-sub-saharan-africa